

# IMAGINÁRIO GOUVEIA: A CONSTRUÇÃO DO OBSCENO NO CONTO “O MENINO DO GOUVEIA” (1914)

Antonio Carlos Pinto da FONSECA\*  
Leonardo Francisco SOARES\*\*

- **RESUMO:** Este artigo intenta analisar a construção do personagem Gouveia, no texto “O menino do Gouveia” (1914), publicado no semanário pornográfico *O Rio-nú*, revista que circulou entre os anos 1898 e 1916. A partir da presença do nome “Gouveia”, sua origem numa matéria do jornal *O paiz* e sua representação, traça-se aqui do imaginário obsceno responsável pela criação dessa personagem e seus desdobramentos, que resultaram na produção dessa história. Analisam-se, portanto, o papel dos suportes midiáticos e as representações textuais fundamentais para a temática do conto, assim como para sua circulação e comercialização massificadas.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário obsceno. Homoerotismo. Erotismo. Intermidialidade.

A literatura pornográfica frequentemente recorre, em sua constituição, a um auxiliar imagético, desde gravuras até fotografias, no anseio de realizar sua função primordial: fazer nascer em seu leitor o desejo da satisfação e do gozo. Esse trânsito entre o texto escrito e as imagens contidas nessa literatura se dá pelo anseio denotativo dos atos sexuais, motivo pelo qual a pornografia é frequentemente buscada como fonte de leitura e prazer. Jean M. Goulemot, na obra *Esses livros que se leem com uma só mão* (2019), alerta para o artifício da imagem na literatura pornográfica, como uma técnica de apelo, que, consultado previamente, sobretudo por se tratar de um objeto que tensiona sua natureza interdita e perseguida, garante o efeito erótico de leitura, auxiliando o leitor na produção do imaginário literário. Para isso, segundo o autor,

[...] acrescenta-se toda uma estratégia de acompanhamento e reduplicação que ele aciona pela ilustração, pela paginação e pela intertextualidade de evocação.

---

\* Bolsista CAPES. Doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Letras e Linguística (ILEEL). Uberlândia, MG, Brasil – antonio.fonseca@ufu.br.

\*\* Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Letras e Linguística (ILEEL). Uberlândia, MG, Brasil – leonardo.soares@ufu.br.

Deveremos falar então do livro pornográfico como de um objeto material, cultural e literário cujo trabalho, no essencial, visa a coagir seu leitor em busca de desejo (GOULEMOT, 2000, p. 13).

A busca de desejo se confunde com a busca por esse tipo de literatura, já que, sendo esta um objeto produtor de imaginário do sexo, os desejos pela narrativa e pelas imagens ali contidas ultrapassam o simples desejo pela leitura de um livro. A literatura pornográfica evoca sensações corpóreas para além da imaginação cartesiana encontrada em toda e qualquer narrativa, porque aquela dá suporte para que o desejo sexual, assim como a fantasia erótica, aflore, e, para isso, o artifício imagético é parte fundamental dessa criação. É certo também que, para nossa análise contemporânea, trataremos tanto o texto verbal quanto o visual apenas como texto, pois, tendo como perspectiva os estudos da Semiótica, o termo *texto* remete-nos a um “[...] discurso significante localizável” (METZ, 1980, p. 11-12), sendo tomada por “linguagem”, “discurso” ou “fala” toda a unidade ou a síntese significativa, seja verbal, seja visual (BARTHES, 2003, p. 30), o que possibilita lidar com o material visual como um texto passível de múltiplas leituras.

Ademais, os textos sobre os quais nos debruçamos articulam-se entre a pornografia, o erotismo e a obscenidade, razão pela qual é preciso diferenciar esses termos: se a “pornografia” se dá a partir do grego *pornos*, dedicado às falas das prostitutas, podendo elas serem tanto as personagens centrais da trama ou sexualizadas a serviço do autor, como se observa em *Diálogo das prostitutas*, de Luciano de Samósata (século II d.C.), o “erotismo” é um termo amenizado pela imagem de Eros, deus do Amor, de cujo nome etimologicamente se origina. Assim sendo, essas palavras diferem, categoricamente, entre o explícito do pornográfico e o diáfano do erótico. Já “obscenidade”, segundo Eliane Robert Moraes,

[...] em estrita fidelidade ao sentido moderno do termo ‘obsceno’ – já que o vocábulo latino *obscenus* significava originalmente ‘mau agouro’ –, a tradição pornográfica que se inaugurou na Europa a partir do Renascimento caracterizou-se pela difusão de imagens e palavras que feriam o pudor, fazendo da representação explícita do sexo sua pedra de toque (MORAES, 2013, p. 91-92).

Então, “obsceno” estará como termo ampliado, que abarca a literatura pornográfica, as imagens contidas nela e os objetos midiáticos que servem de suporte a esses textos. Ademais, o vocábulo é usado para categorizar o que está fora de cena, indicando algo que está escondido da visão ou distante do fácil acesso.

Por essas razões, escolhemos essa tríade terminológica para tratar desses textos, partindo do princípio de que o leitor procura essas narrativas com a finalidade de ter contato com o que não se vê em outros estilos literários. Por mais que seja, a princípio, objeto dotado de elementos pré-estabelecidos numa negociação entre

a obra e o leitor na busca do prazer sexual, esses textos aguçam o interesse pela leitura do que é proibido.

Logo, no aspecto imagético, veremos que a literatura pornográfica estará, quase sempre, firmada como texto acompanhado de imagem, ou um texto e seu paratexto, com função gráfica de ativar os sentidos de determinado leitor. Desse modo, escreve-se a cena sexual e representa-se o ato, a fim de instigar os desejos sexuais do leitor mediante a representação dos detalhes da cena em forma de fotografia, gravura, ilustração etc.

Dominique Maingueneau, porém, n’*O discurso pornográfico*, declara que a pornografia é uma categoria “paraliterária”:

[...] os textos pornográficos pertencem à paraliteratura, se entendemos por paraliteratura uma produção em série que visa provocar no leitor um efeito previamente determinado, permitindo-lhe fugir por um momento para um universo paralelo, liberado das restrições do mundo ordinário. Essa leitura é objeto de um contrato implícito, muito frequentemente materializado pelo pertencimento a uma coleção (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

O crítico francês apresenta o aspecto de fuga que esse tipo de texto produz, criando um pacto pré-estabelecido entre a obra e o leitor, em que este já sabe que encontrará o que está fora do habitualmente considerado “boa literatura”. Além disso, Maingueneau indica a formação de uma série, como um conjunto de obras aproximadas pelo estilo (no caso, a pornografia), para a determinação desses textos como “paraliteratura”. Todavia, se consideramos que essa literatura é, de modo arbitrário, uma classificação textual dada por proximidade estilística, haveremos de concluir que todo texto pornográfico tem a mesma premissa, sem que existam outros modos de obscenidades. No entanto, segundo registrado no *E-dicionário de termos literários*, Carlos Ceia diz que o conceito de “paraliteratura” pode ser ampliado:

[...] todo o texto que se refugie numa categoria não convencional é porque pertence a um gênero marginal de literatura a que convém então o nome de *paraliteratura*. O problema é que muitas vezes esta classificação resulta da aplicação arbitrária de um critério de qualidade que não corresponde inteiramente ao rigor de uma classificação científica (CEIA, 2009, não paginado).

Então, a pornografia residiria nesse limite entre ser objeto de prazer frívolo e sem profundidade, marginalizado perante a “grande literatura”, e ser erotismo que disfarça a representatividade do ato sexual por intermédio de metáforas e outros artificios linguísticos. Ao se incluir a literatura pornográfica no rol da “paraliteratura”, insiste-se na qualificação pejorativa dela, algo que, em estudos

anteriores, já foi rechaçado. Logo, fazer que somente o aspecto sexual seja determinante para a categorização dessa classe literária significa, antes de mais nada, manter uma diversidade de textos e seus desdobramentos num calabouço desprovido de reflexão ou apreciação.

Uma vez estabelecidos esses conceitos iniciais, trataremos, neste artigo, da produção do imaginário do personagem Gouveia até a publicação de “O menino do Gouveia” (1914), que é considerado o primeiro conto pornográfico homoerótico editado no Brasil. De início, esse texto é produzido e difundido pela revista *O Rio-nú*, publicação semanal de cunho erótico/obsceno que circulou entre 1898 e 1916. Quanto à autoria, foi escrito e publicado sob o pseudônimo de Capadócio Maluco, não sendo conhecida, ainda hoje, a sua real identidade. Essa estória compõe uma série intitulada “Contos rápidos” do semanário, sendo este o 6º volume da coleção, em que os contos eram comercializados sob assinatura em forma de fascículos. “O menino do Gouveia” foi editado em 1 fascículo de 18 páginas, dividido em 4 breves capítulos, em que há a ilustração de uma cena sexual homoerótica retratando os personagens da trama.

O foco narrativo é construído de modo que se confunda o narrador com o autor da trama, Capadócio Maluco. Ele está deitado na cama de sua *garçonnière*, na companhia de Bembém, isto é, “O menino do Gouveia”, que está prestes a contar suas experiências sexuais. Na primeira parte, o menino descreve sua vocação para a homossexualidade:

– Eu lhe conto. Eu tomo dentro por vocação: nasci para isso como outros nascem para músicos, militares, poetas ou até políticos. Parece que quando me estavam fazendo, minha mãe, no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cu e eu herdei também o fato de sentir todo os meus prazeres na bunda (MALUCO, 2017, p. 27-28).

Após essa introdução, Bembém mostra como sempre esteve apto à homossexualidade, distanciando-se dos rapazes da mesma idade, que desejam ver as mulheres nuas. Diz o menino: “Não sei porque era, eu sentia uma atração enorme para o instrumento de meus prazeres futuros” (Ibid., p. 28), para tentar explicar a Capadócio seu desejo pelo “espetáculo de um caralho de homem” (Ibid., p. 28). Tal desejo seu se dá pelos empregados de onde vive e é amplificado pelo fascínio que tem pelo tio, de modo que inventa várias maneiras de vê-lo nu. Nesse primeiro capítulo, vai se dar a primeira cena sexual do conto: o tio e a tia de Bembém na intimidade de seus aposentos com o menino vendo o ato através de pequenos furos na parede. Note-se que, apesar de o conto ser de temática homossexual e ter, desde a introdução, essa marca de uma narrativa obscena produzida a partir do encontro de um homem mais velho e um jovem rapaz, o primeiro ato sexual relatado é heterossexual, em uma cena de *voyeurismo* flagrada pelo menino, que,

ao se excitar, finaliza a narrativa em uma ação de masturbação com uma vela sendo utilizada como falo artificial em seu ânus.

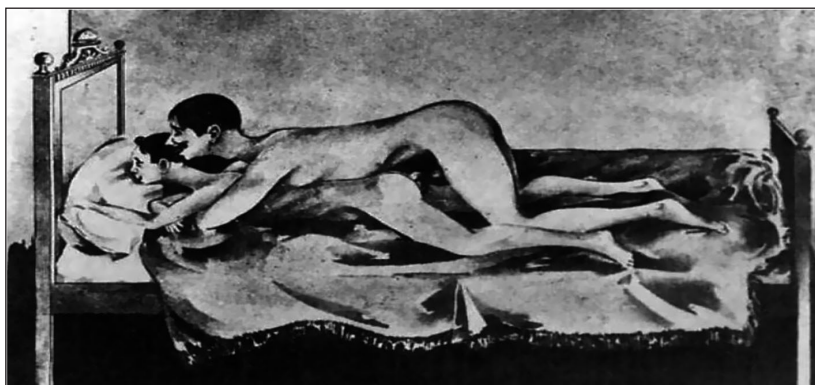
Determinado a realizar aquela sua fantasia de ter relações sexuais com seu tio, o segundo capítulo mostrará a tentativa explícita desse ato. Contudo, devido ao desagrado do tio, Bembém foge de casa, como narra no trecho: “[...] ou meu tio, naquele dia me enrabava, ou eu fugia de casa e dava o cu ao primeiro tipo que eu encontrasse e que mostrasse ser porrudo” (Ibid., p. 34). O terceiro capítulo narra desde a saída do menino de casa até o encontro de seu primeiro parceiro sexual, chamado “Gouveia”. Significativa para a economia da narrativa, é dessa experiência que advém o título do conto, “O menino do Gouveia”.

Desde a ingenuidade do princípio do encontro até o encaminhamento à *garçonnière* do homem mais velho, Bembém tomará o comando da narrativa, retirando de Capadócio Maluco o papel de único narrador. Essa ação acontece a partir da descrição, cena a cena, de como foi iniciado sexualmente por um homem experiente que lhe ensina os prazeres do corpo. É importante frisar que esse homem maduro tem por hábito se relacionar com outros rapazes, e isso é demonstrado pela sua destreza em tratar do assunto, enquanto o menino lhe confessa ser virgem. Após extensa descrição da primeira cena sexual homoerótica, que enfaticamente é uma cena de sexo oral, Gouveia traz um vinho para que eles brindem a esse momento, eternizando a defloração do menino. Bembém descreve: “O meu primeiro amante de velho somente tinha a experiência, pois possuía mais fogo que muito moço que anda por aí; eu, por meu lado, tinha mil comichões da bunda” (Ibid., p. 43), e mostra, tanto para o narrador Capadócio Maluco, como para nós, leitores, que seu parceiro sexual não tinha nele só o desejo de que fosse “pederasta passivo”, buscando seu pênis para continuidade do ato sexual. Logo, Bembém alerta: “Uma decepção o esperava: minha pica mantinha-se como sempre estendida completamente, porém mole, flácida, molambenta” (Ibid., p. 43). Na sequência, Gouveia indaga ao menino: “Bembém, você não tem tesão?”, e daí vem a resposta: “tenho muito até, mas na bunda, nas pregas do cu” (Ibid., p. 43-44). Esse diálogo será a introdução para a cena sexual mais importante do conto: o coito anal entre o menino e o Gouveia, anunciada desde o título da história. A naturalidade como a cena é descrita deixa explícito o objetivo central da narrativa: o desejo sexual homoerótico. Não há nenhum pudor com a temática e muito menos invenções de uma narrativa higienizadora ou que trate o ato sexual com culpa ou erro. Pelo contrário, há o desejo de Bembém, protagonista da trama, sendo materializado. Então, o quarto e último capítulo, o mais breve de todos, retoma a cena inicial de Capadócio e o menino deitados na cama. Ao ver que sua história recupera a excitação do narrador/autor, Bembém se posiciona de cócoras para ser “enrabado” por seu amante e durante o ato diz, finalizando o conto:

– Até hoje tenho fodido talvez uns quinhentos caralhos; porém não posso me lembrar da porra do meu tio sem sentir comichões na bunda!... (Ibid., p. 46).

Originalmente, o conto, conforme foi comercializado em 1914 pelo periódico *O Rio-nú*, tem uma ilustração do casal copulando, localizada entre o final do segundo capítulo e a entrada do próximo, com uma legenda: “...num movimento brusco chamou-me aos peitos”, citando o trecho contido na cena de sexo anal entre Gouveia e o menino no capítulo III (figura 1).

**Fig. 1:** *O menino do Gouveia*, 1914.



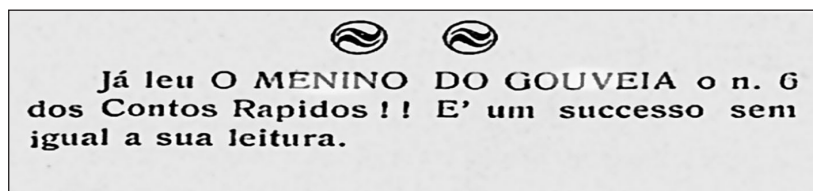
**Fonte:** Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A ilustração, que preza pela representação mais próxima da realidade, com seus traços e suas perspectivas bordejando o fotográfico, remonta a cena em que Bembém terá o pênis do Gouveia inserido em totalidade em seu ânus, após a tentativa frustrada detalhada nos parágrafos antecedentes. Vê-se a representação de ambos os personagens centrais da trama em ato sexual numa cama, marcados estilisticamente como um corpo juvenil e outro maduro, consolidando a temática do conto, do encontro do homem mais velho, Gouveia, com o seu objeto de desejo, o menino. É visível na gravura que ambos estão felizes, satisfeitos e no clima de um gozo, como veremos na finalização do capítulo correspondente no trecho: “Foi tal a sensação de gozo que eu senti, que desmaiei” (MALUCO, 2017, p. 45). Do mesmo modo, pode-se ver com nitidez o pênis do homem mais velho penetrando o jovem rapaz, numa composição que demonstra em explícito o papel sexual de cada um dos personagens: o Gouveia é o ativo da relação, enquanto Bembém é o passivo. Se avançarmos nos detalhes do desenho, veremos que o menino está de olhos fechados, ao contrário de seu amante, que mantém os olhos bem abertos. Levando em conta o último capítulo do conto, com o auxílio textual da última fala de Bembém, podemos pensar que a imagem também pode remeter à sua imaginação

em ter relações sexuais com seu tio, desejo existente desde o começo da trama, corroborado pela sua frase transposta na citação acima. Seguindo esta vertente, podemos dar continuidade às ações dos personagens, analisando se o menino não busca em todos os homens mais velhos a figura de seu tio, e, por esta razão, é representado de costas, não tendo acesso ao rosto de seu parceiro sexual. Desse modo, o conto nos permite pensar diversos desdobramentos da história, até mesmo por ele ser criado a partir de um imaginário anteriormente explorado no semanário *O Rio-nú*, como veremos mais adiante.

Sobre o conto, é possível identificar diversos elementos que se distanciam de narrativas de cunho sexual consideradas “tradicionais”, mesmo obscenas, tanto para o período histórico do qual faz parte, quanto para os dias atuais. Primeiramente, é uma narrativa homoerótica, ainda que publicada por um veículo majoritariamente heterossexual. Há de se investigar o desejo de seus leitores numa trama feita a partir do homoerotismo, valendo-se da heteronormatividade da revista. Pode-se entender que o desejo sexual do leitor estaria voltado à recepção da produção pornográfica, tratando da atividade do sexo como interesse primordial, não importando sua natureza, ou a homossexualidade masculina já estava inserida como fonte de prazer nesses leitores, a ponto de a narrativa ser criada para satisfação de homens interessados por “sexo entre semelhantes”, ainda que seja impossível identificar e classificar leitores como “homossexuais” ou “bissexuais”, dada a ausência dessas marcas de orientação sexual naquela época. Reitera-se que o conto era comercializado por assinatura, não estando ele disponível em bancas de jornais ou livrarias, como era o caso da revista *O Rio-nú*, onde se origina. Devido ao modo como foi distribuído, não há dados concretos do número de exemplares vendidos; no entanto, em diversas edições da revista, é mantida a publicidade do título, tida como de grande sucesso (figura 2):

**Fig. 2:** *O Rio-nú*, 1914.



**Fonte:** Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O segundo ponto importante é a presença de um protagonista menor de idade, Bembém, mesmo não se sabendo exatamente a idade dele. Para os padrões jurídicos da época, não teria como dizer que a obra trata de pedofilia, e como não relata nenhum tipo de abuso, essa hipótese é descartada para esta análise. Ainda neste ponto, chama a atenção que Bembém seja dono de sua fala, sem ser meramente

objeto sexual de seus interlocutores, no caso, os “Gouveias”. Na construção do imaginário desse homem maduro, que veremos mais adiante, o alvo de seu desejo é sua presa, meninos ingênuos que caem nas garras do conquistador. Não é o que ocorre no conto, sendo o menino, apesar de “pederasta passivo”, o ativo da ação, ou seja, quem comanda a atividade sexual, inclusive exercendo na trama, em sua maior parte, a narração de sua própria história. Desde seu desejo pelo tio, passando pela sua primeira experiência sexual e finalizando na narrativa com o autor/narrador, Bembém sabe de seus atos, e os faz conscientemente, o que não permite a evocação do estigma do “passivo abusado”.

Mesmo que, no conto, Bembém seja o protagonista e sua narrativa seja contada através do autor e narrador Capadócio Maluco, desde o título, a grande estrela é o Gouveia. Isso se dá pela construção gradativa desse homem maduro em busca de aventuras sexuais no periódico *O Rio-nú*. O personagem Gouveia aparece em forma de charges e caricaturas em 1906 – oito anos antes da edição do conto –, sempre por meio de conotação homoerótica, e continuará a aparecer posteriormente à publicação de “O menino do Gouveia”. No total, o “Gouveia” é visto, nos 18 anos em que a revista circulou, 529 vezes, entre textos literários, piadas, expressões, charges e publicidades, todas de conotação homossexual.

Nesse período, o apelativo “Gouveia” foi utilizado como gíria para homens mais velhos que se interessavam por jovens rapazes afeminados, e há indícios de que esse nome surgiu em uma matéria policial no jornal *O paiz*, datada de um mês antes da primeira citação do “Gouveia” em *O Rio-nú*, em 18 de junho de 1906. Nessa matéria, conta-se que Manoel Gouveia, com a ajuda de dois comparsas, violenta sexualmente outro homem, descrito como “uma pessoa de bem”. No caso da notícia, a violência acontece com um homem adulto, e a manchete traz em destaque a palavra “REVOLTANTE!”, em caixa alta. Sendo a nota policial descritiva, a ação é tachada como “repugnante”, sem citar claramente o coito anal, mas a ele aludindo (figura 3):



Fig. 3: *O paiz*, 18 de junho de 1906.

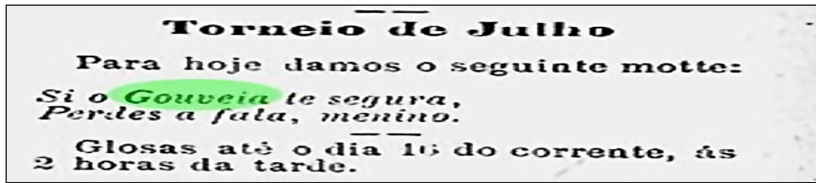


Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Transcrevemos um excerto da reportagem, feitas as devidas alterações ortográficas: “No espirito do dono da casa, Manoel Gouveia [...] parara e tomara vulto uma ideia de libidinagem doentia e asquerosa. Ele fez agarrar o homem que estava, cujo aspecto lhe deveria inspirar somente respeito, e subjugar-lo por dois individuos, que se prestaram a essa covardia imoral”.

Parece-nos que esse caso reverberou pela cidade do Rio de Janeiro em 1906, dado que a revista *O Rio-nú* tratou de fazer piada com essa notícia, estimulando um concurso de “glosa”, muito comum no semanário. As “glosas” eram pequenos textos que os leitores enviavam para a redação da revista, seguindo tema pré-estabelecido, comumente tirado de situações cotidianas que poderiam ter algum cunho sexual. Os leitores/escritores selecionados eram pagos pelos seus escritos quando editados, e isso criava, desse modo, um estímulo para o recebimento de textos. Assim sendo, em 11 de julho de 1906, o “Gouveia” estreou sob a forma de mote, como se lê a seguir (figura 4), para o Torneio de Julho:

Fig. 4: *O Rio-nú*, junho de 1906: “Se o Gouveia te segura, / Perdes a fala, menino”.

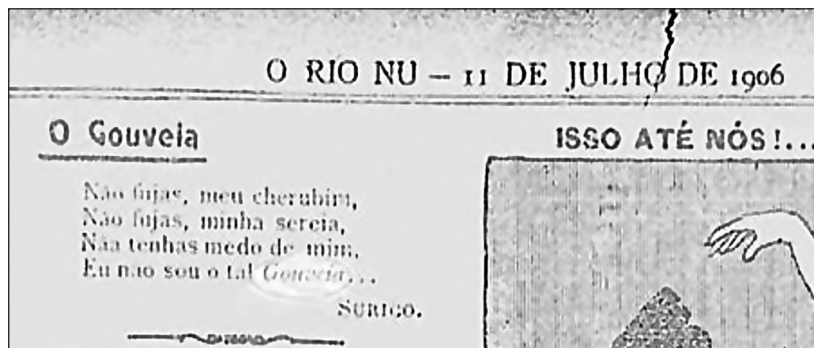


Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Vê-se, pela construção temática do torneio, que o homem violentado é transformado em “menino”, insinuando que um homem adulto não pudesse ser estuprado. E essa modificação de “homem” para “menino” tem o intuito de diminuir o personagem-vítima do abuso e, na mesma proporção, enaltecer seu violentador. Nisso, outros fatores colaboram para a entrada do Gouveia no semanário, como o fetiche pela juventude, a inferiorização da vítima e, de alguma maneira, a preservação do estuprador na posição de domínio. O fato de se inferiorizar a vítima, em forma de chiste, foi o motivo maior para a criação do “mito” do Gouveia no contexto sexual, que seria, a partir daí, amplamente divulgado em *O Rio-nú*.

É notório que a homossexualidade, entre o fim do século XIX e começo do XX, período histórico em que se encontra a publicação do conto, não era vista de forma igualitária entre os homens (ou mesmo mulheres), sendo a masculinidade do homossexual ativo preservada, não sendo ele nem sequer considerado “homossexual” em muitos dos casos. Ao passivo dava-se o nome de “pederasta passivo” ou, posteriormente, apenas “homossexual”, construindo a imagem de que a homossexualidade (ou “homossexualismo”, se quisermos usar um termo mais comum à época) é defeito atribuído a homens incapazes de manter a heterossexualidade compulsória, e não necessariamente aos que fazem sexo com outros homens. Os homens, entre si, praticavam sexo, o que não corresponderia à prática da homossexualidade, como pode ser comprovado pela aparição e divulgação ampla do Gouveia na revista de cunho heterossexual, assim como ao “pederasta passivo” era proferida uma gama de xingamentos e piadas. Daí, note-se que a glosa vencedora do concurso teve o título de “O Gouveia” (figura 5):

Fig. 5. *O Rio-nú*, 11 de julho de 1906: “Não fujas, meu querubim / Não fujas, minha sereia, / Não tenhas medo de mim, / Eu não sou o tal Gouveia...”.



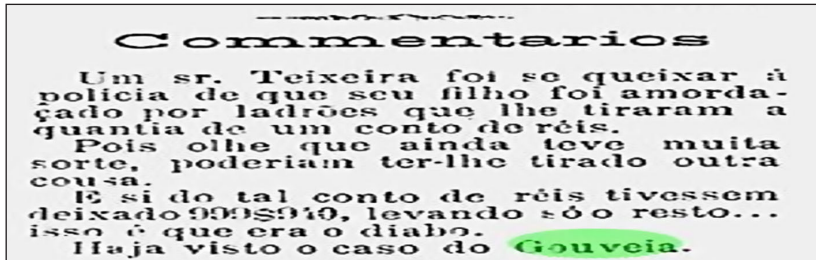
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O texto é assinado por um “Surigo”, e, apesar de a temática do concurso ter sido usada apenas como exemplo subentendido para a contraposição do personagem “Gouveia”, na mesma edição *O Rio-nú* tem outro torneio de pequenas estrofes em versos, como no desafio inicial. A glosa vencedora carrega diversos elementos externos para a sua compreensão, desde a matéria jornalística que conota o “Gouveia” como estuprador até a menção à sua sexualidade, que, no texto, é contestada como “heterossexual”, já que a “cantada” também se dirige a uma mulher, marcada pela inserção de uma “sereia” como a destinatária de tais palavras.

Se analisarmos bem esses versos, eles não carregam os elementos obscenos explícitos, comumente encontrados em outros textos do semanário. O autor escreve, quase como resposta, o oposto do que se espera de um texto pornográfico. Quando ele enfatiza “não fujas”, nota-se uma tentativa de se afastar do abusador “Gouveia” da matéria do jornal, e é continuada com “não tenhas medo de mim”, criando uma atmosfera de segurança, inversamente proporcional à violência sofrida pela vítima do “Gouveia” original. Ao finalizar o verso com “Eu não sou o tal Gouveia”, o autor parte da premissa de que existe um “Gouveia” contrário ao narrado na glosa, e só se sabe da existência deste outro devido à matéria do jornal *O paiz*.

Posteriormente ao concurso, o Gouveia passa a fazer parte do jornal como forma de expressão, mantendo o tom coloquial do semanário. Como se verá adiante (figura 6), a imagem do Gouveia começa a ser transmutada para, além de estuprador homossexual, uma espécie de monstro, tal qual o “bicho-papão” ou “homem do saco”, de forma a alertar dos perigos que um “Gouveia” pode trazer:

Fig. 6: *O Rio-nú*, agosto de 1906.

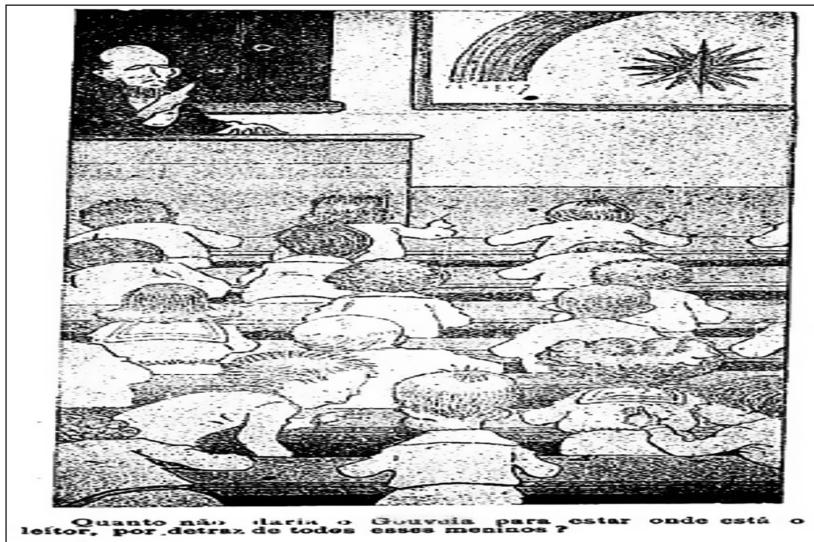


Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Quando, na coluna, disposta no semanário como o que chamamos em tempos atuais de “tijolinho”, correspondendo a notícias rápidas e trazendo em pequenos textos acontecimentos cotidianos, finaliza a tal queixa do Sr. Teixeira com o aviso “Haja visto o caso do Gouveia”, ela está reafirmando que, além de o termo “Gouveia” ter entrado no vocabulário satírico de *O Rio-nú*, isso é feito de modo a preservar o aspecto de tarado e violentador sexual do personagem. O fato noticiado é de um roubo, com o filho do Sr. Teixeira amordaçado, e a nota alerta para a “sorte”, pois, se tirasse “outra coisa”, seria pior. Ou seja, há camadas de interpretação de duplo sentido, mesmo que implicitamente, alertando para um suposto estupro, que só é compreensível se o leitor tem como referência a notícia de jornal onde se origina o “Gouveia”. A manutenção do termo no jornal, ou até mesmo a elevação da palavra para uma gíria ou expressão idiomática, faz com que o fato seja sempre lembrado, e, a partir da lembrança, possa ser utilizado também como conteúdo da mídia em questão.

Vê-se, por exemplo, mais uma entrada do “Gouveia” no jornal, pela primeira vez na produção de imagens, numa charge com um texto de rodapé (figura 7):

Fig. 7: O Rio-nú, outubro de 1906.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O texto diz: “Quanto não daria o Gouveia para estar onde está o leitor, por detrás de todos esses meninos?” Na imagem, vemos a representação de uma sala de aula, de modo que o leitor/observador da charge é colocado na posição do fundo da sala, tendo de frente as fileiras com as carteiras, e os estudantes, por consequência, de costas, instituindo em alguns leitores o papel de *voyeur*, ávidos por ter acesso a uma ação obscena vinda do imaginário Gouveia. Ao que tudo indica, inclusive em relação ao acesso à educação formal no começo do século XX, trata-se de uma escola exclusivamente para rapazes. Assim sendo, quando o leitor é indagado pela charge a responder à pergunta retórica de quanto o Gouveia daria para estar nessa posição de observador, temos, enquanto análise, a visão de um predador observando diversos meninos prontos para serem atacados. Esse tipo de construção narrativa, publicada três meses após a primeira aparição do termo, vai alimentando o imaginário sobre o Gouveia, transpassando o limite do semanário, criando um fluxo textual que envolve a matéria original, a chamada para a criação das glosas, levando à criação de um termo/gíria que resulta na materialização do personagem sedento por sexo com meninos, ou uma espécie de monstro.

A monstruosidade construída em torno do personagem Gouveia pode ser articulada com o que Michel Foucault conceitua como “Monstro moral”, conforme publicado em seu curso “Os anormais” (1975). Nesse estudo, o filósofo demonstra a existência de três categorias de monstros morais, que, a princípio, se constituem a

partir do próprio humano e suas anomalias: o monstro, o incorrigível e o masturbador (FOUCAULT, 2001, p. 75).

Se analisarmos as camadas de construção do Gouveia, o seu suposto apetite sexual, o fascínio por crianças (surgido da diminuição do homem estuprado transformado em “menino”) e a predisposição ao ataque, vemos que há uma atribuição ao que não se pode corrigir, ao que não é aceito socialmente e pode ser explicitado mediante piada pública. Foucault utiliza como exemplo as aberrações exibidas em feiras populares até o século XIX como ponto de partida para a elucidação do termo. O Gouveia, com todos os seus atributos, é – a partir da transposição de uma notícia policial para a pauta cotidiana jornalística – um modo de criar um personagem monstruoso fictício que despertará nos leitores de *O Rio-nú* tanto a curiosidade sobre o homem maduro que deseja jovens rapazes quanto o alerta para “esse tipo de homem” e a possibilidade da violência. Há uma flexão contínua entre rir desse monstro, inferiorizando-o constantemente como a um masturbador ou tarado, e provocar nos leitores a existência do “Gouveia” entre eles mesmos e seus pares. Isso é constatado pela continuidade do personagem que, agora (figura 8), aparece como garoto-propaganda de água mineral (!).

Fig. 8: *O Rio-nú*, novembro de 1907.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A charge, datada de novembro de 1907 – um ano após a primeira aparição do Gouveia nas páginas de *O Rio-nú* –, apresenta, pela primeira vez, aos leitores do jornal um “Gouveia” imagetivamente construído, sem que ele esteja diluído como gíria em diversas colunas ou citado de modo camuflado em algum lugar, sendo constituído como “monstro” passível de aparecer. Na imagem, vê-se um homem com

aspecto de maturidade, com poucos fios de cabelo, óculos, barriga proeminente e bem-vestido, com um terno completo. Essas informações nos indicam que, além de maduro, ele tem posses, caracterizado como vaidoso o suficiente para se apresentar conforme a moda vigente.

Desse modo, o “monstro” pode ser qualquer membro da sociedade carioca, o que generaliza a aptidão sexual por meninos, humanizando-o. O menino da charge é denotado em roupas de marinheiro, algo muito comum à época, marcando ser uma criança de “boa família”. Há uma curiosidade no olhar do menino na mesma proporção que há uma malícia no gestual do homem mais velho. Enquanto a mão do homem acaricia o rosto do menino, este tem pequenos contornos em volta do corpo, demonstrando que está “tremendo”. Não se vê expressão de medo em seu rosto; então, é possível que o tremor seja de excitação. No entanto, essa charge é parte de uma publicidade da água mineral *Vitalis*, grande patrocinadora da revista, presente em quase todas as edições, muitas vezes em destaque, como na primeira página. O diálogo que segue abaixo da gravura diz: “– Bravo! Gosto muito dos meninos [ilegível].” / “– Ué! O titio também é Gouveia?” (*O Rio-nú*, 1907). Não há continuidade nessa ação, mas a água em questão era considerada um produto de consumo de classes elevadas socialmente, visto o período histórico em que, à altura da publicação, o Rio de Janeiro (e o Brasil em geral) estava, no qual havia grandes mudanças sociais, com a industrialização e a disposição para transformar-se em uma capital cosmopolita.

Assim, pensando no público-alvo da propaganda em questão, ela representa uma cena possível, e até mesmo muito disseminada, desse período: homens mais velhos, endinheirados, que consomem bens – a exemplo das águas engarrafadas e de valor elevado – e buscam meninos para aventuras sexuais. Desse modo, a imagem do predador e violentador é diluída, montando uma estética de “homossexualidade recreativa”. E é esse “Gouveia” que seria, tempos depois, amplamente divulgado nas páginas do semanário até a construção do conto “O menino do Gouveia”.

Vemos, então, que, para a produção de um conto obsceno, fruto de uma publicação de mesmo teor, a revista *O Rio-nú* dispõe da própria pauta que circulou em suas páginas para a tematização da trama a ser comercializada externamente. Antes disso, a pauta foi construída a partir de uma notícia policial veiculada em outro meio de comunicação, o jornal *O paiz*. Logo, observamos que há um trânsito textual envolvendo mais de um suporte, assim como diversos estilos literários que antecedem a publicação do conto, num trajeto de oito anos do personagem central da história, que criou um imaginário que fosse de fácil aceitação pelo público.

A narrativa “O menino do Gouveia” encontra-se, portanto, imbricada em uma rede rica em exercícios intertextuais. Tiphaine Samoyault, em seu estudo *A intertextualidade*, recorre ao trabalho de Julia Kristeva, que, por sua vez, toma emprestado de Mikhail Bakhtin o conceito de “diálogos entre textos”:

[...] o texto aparece então como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores. Não se trata, a partir daí, de determinar um intertexto qualquer, já que tudo se torna intertextual; trata-se antes de trabalhar sobre a carga dialógica das palavras e dos textos, os fragmentos de discursos que cada um deles introduz no diálogo (SAMOYVAULT, 2008, p. 18).

Nisso, vemos que cada parcela de qualquer texto é responsável por uma parte do todo, e, dessa maneira, cria outro texto. Se recolhermos cada texto citado neste artigo e analisarmos o trânsito deles até a formação do próximo texto e, por consequência, a produção do conto “O menino do Gouveia”, veremos que a intertextualidade ou, mais ainda, a intermedialidade estará presente desde a matéria policial anterior à criação do Gouveia. Podendo a matéria em *O paiz* ser aqui tratada como “prototexto”, dá-se origem ao assunto e se aproveita do nome do agressor para lançar a ideia germinal. Partindo-se da aceitação do público, dá-se ao leitor a possibilidade de produção de textos curtos obsceno-satíricos com a temática retirada da matéria, já editada, transformando em uma criança o homem violentado. Essa transformação está à disposição do imaginário da época, em que um garoto se aproxima sexualmente a um corpo feminino/afeminado, podendo o Gouveia cumprir o papel de masculino/dominante. Essa trajetória do fato noticiado no jornal até a elaboração do conto e tendo passado pelas aparições midiáticas em *O Rio-Nú*, demonstra que, para a construção de uma personagem ficcional, há um embrião considerado “realidade”, que será editado para cumprir o anseio de seu público. Esse espaço entre “notícia” e “conto” é fundamental para a concepção do imaginário em torno do Gouveia, impulsionando a venda da narrativa. Depois disso, o personagem Gouveia começa a participar das publicações, de aparições implícitas a produções imagéticas. Com a circulação estabelecida e disseminada, por fim, é criado e veiculado o que aqui se concebe como um “produto final”, que é o conto “O menino do Gouveia”. Mesmo com algumas de suas características modificadas em alguns aspectos da matéria inicial, o Gouveia sobreviveu, por quase uma década, no mesmo veículo de comunicação, tendo sido resgatado, após anos de apagamento, numa única reedição, em 2017, pela editora O Sexo da Palavra.

FONSECA, A. C. P. da; SOARES, L. F. Gouveia imaginary: the construction of the obscene in a short story “O menino do Gouveia” (1914). *Itinerários*, Araraquara, n. 55, p. 259-276, jul./dez. 2022.

■ **ABSTRACT:** *This article analyzes the construction of the character Gouveia, in “O Menino do Gouveia”, published at 1914, in the pornographic weekly O Rio-nú, a magazine that circulated between the years 1898 and 1916. From the presence*



*of the name/term Gouveia, its origin in an article in the newspaper O paiz, and its representation, we traced the obscene imaginary responsible for creating such a character and its unfoldings that will lead to the production of this narrative. It analyzes the role of the media and the textual representations that become fundamental for the theme of the short story, as well as for its mass circulation and commercialization.*

■ **KEYWORDS:** *Obscene imaginary. Homoeroticism. Eroticism. Intermediality.*

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

“CHARGE” **O Rio-nú**, Rio de Janeiro, 31 out. 1906. p. 4.

COMENTÁRIOS. **O Rio-nú**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1906, p. 2.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOULEMOT, J.-M. **Esses livros que se lêem com uma só mão**: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

MAINGUENEAU, D. **O discurso pornográfico**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MALUCO, C. **O menino do Gouveia**. Rio de Janeiro: Edições Ilha de Vênus, 1914.

MALUCO, C. **O menino do Gouveia**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2017.

METZ, C. **Linguagem e cinema**. Tradução de Marilda Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MORAES, E. R. O efeito obsceno. In: MORAES, Eliane Robert. **Perversos, amantes e outros trágicos**. São Paulo: Iluminuras, 2013. p. 91-100.

“MOTTE A CONCURSO”. **O Rio-nú**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1906, p. 3.

“O GOUVEIA”. **O Rio-nú**, Rio de Janeiro, 11 jun. 1906. p. 4.

PARALITERATURA. In: CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/paraliteratura>, 29 dez. 2009. Acesso em: 05 out. 2020.

“PROPAGANDA ÁGUA VITALIS” **O Rio-nú**, Rio de Janeiro, 11 nov. 1907. p. 2.

RAJEWSKY, I. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. In: DINIZ, T. F. N.; VIEIRA, A. S. **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea 2. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2005, p. 51-73.

“REVOLTANTE!”. **O paiz**, Rio de Janeiro, 18 jun. 1906, p. 1. Acesso em: 20 fev. 2022.

SAMOYAULT, T. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

